

# FAMÍLIA EM FOCO



MARIA JOSÉ DE ALMEIDA ELIAS

# **FAMÍLIA EM FOCO**

**MARIA JOSÉ DE ALMEIDA ELIAS**

## **DEDICATÓRIA**

Este livro é dedicado a todos os nossos familiares e muito especialmente ao meu esposo Pastor Antônio Elias, aos filhos Lúcio e Lucília, Paulo Cesar e Teófanês; às noras Michele e Mônica aos netinhos Lila e Antônio, Fernanda e Nathalia

## Sumário

DEDICATÓRIA.....	3
A TÍTULO DE APRESENTAÇÃO.....	6
A COLUNA DE GILGAL.....	12
MILAGRES DO AMOR .....	14
VOCÊ SE ESQUECEU .....	17
DEIXAI QUE ELES VENHAM.....	20
BONECAS E MAIS BONECAS .....	23
O MENINO DE CASACO MARROM.....	26
O SEGUNDO CORDÃO .....	29
OS JOVENS NÃO DEVEM MORRER!.....	33
REMÉDIO DIVINO .....	39
LENDO A PALAVRA.....	44
“VÓS NÃO QUISESTES!” .....	46
“...PORQUE TU ESTÁS COMIGO...” .....	49
JESUS, O JUGO E O LAR.....	51
NINHO DESFEITO .....	57
A MOÇA LAURA .....	58
O CASAL NA PERSPECTIVA DE DEUS À LUZ DA HISTÓRIA BÍBLICA À LUZ DA FÉ.....	61

“DIGO-VOS, PORÉM...” .....	70
O MEU ALTAR.....	78
POEMINHA DE MÃE .....	83
NA FAINA DA CASA .....	84
EU CREIO EM TI! .....	85
DUELO DE GIGANTES .....	89
HARPAS NOS SALGUEIROS .....	97
LÍNGUA DAS GERAIS DO NORTE.....	101
PADRÃO DE MULHER.....	103
FLORES, FRUTOS E SEMENTES.....	109
O QUE É O SEU LAR?.....	112

## **A TÍTULO DE APRESENTAÇÃO**

Apresentar uma pessoa a outra pode não passar de mera formalidade, se uma já é conhecida da outra. Existem pessoas amplamente conhecidas e que, por isso mesmo, dispensam apresentação. É o caso da autora deste livro: ela dispensa apresentação. Nem foi isso que ela me solicitou. O que ela — D.MARIA JOSÉ ELIAS — realmente fez, foi honrar-me com a deferência de apresentar o livro FAMÍLIA EM FOCO, este que o leitor tem na mão. E é o que estou tentando fazer, embora ache, depois de haver lido o livro, que ele se apresenta por si próprio, visto que o seu tema central é a família, por sinal que oportuníssimo, por ela tratado com o carinho e o cuidado que o assunto merece.

FAMÍLIA EM FOCO é um videoteipe filmado por uma câmara de objetiva altamente luminosa, focalizando a sociedade dos nossos dias, tomando por ponto de visualização o elemento básico dessa mesma sociedade: a família, e o melhor é que a filmagem caprichosa não se detém no plano da tela; ela é multidimensional, mostrando todos os ângulos possíveis, como se fosse computadorizada.

Mulher cristã, conhecendo a fundo sua missão de esposa de um Ministro do Senhor, vocacionada, ao que tudo indica, para essa missão, foi convivendo com os que caminham pela vida e fazendo, de consciência tranquila e pura, com pinças de fogo, a dissecação dos problemas que envolvem a família, “a célula mater da sociedade”, designação essa glosada por certo escritor que escreveu ser “a família a célula *mártir* da sociedade”

Do ponto de vista cristão o livro aponta problemas morais e espirituais. Mas o faz de modo gracioso, gentil e pleno de amor, sem a agressividade encontrada em escritores que se fazem de moralistas apenas pela preocupação de uma aparência que os dignifique entre os olhos reprovadores de quem os conhece. FAMÍLIA EM FOCO “adoça a pílula”, contando experiências positivas, mencionando gestos e comportamento de pessoas que se constituem “em sal da terra e luz do mundo”, como deseja o Mestre Jesus. Capítulos em prosa clara e amena levam o leitor a deparar, aqui e ali, com o assunto apresentado em forma de poesia, confirmando o pensamento do incomparável Shakespeare que afirma que “a força da poesia inspirada pelos céus é grande”.

Sim, porque FAMÍLIA EM FOCO, não se limitando aos quadros obscuros e dolorosos, penetra nos jardins floridos do Senhor e, de lá, nos traz aquele aroma suave que nos conforta e nos edifica.

O mal, desde sua entrada no mundo, continua sua funesta trajetória deflagrando guerras pequenas e grandes. Lembro-me do menino brincando na sala, após o jantar, enquanto a mãe tricotava e o pai lia o noticiário jornalístico do que ia pelos campos de batalha do mundo. Tendo o pai feito um comentário acerca da Guerra Mundial, o filho, na busca do aprendizado da vida, perguntou: “Como é que começam as guerras?” O pai, partidário dos alemães apresentou seu ponto de vista aplaudindo os nazistas e arrasando os aliados. A mãe, descendente de ingleses, protestou e fez a defesa dos aliados. O pai voltou à carga, meio agressivo. A mãe não fez por menos. Logo estava estabelecida uma discussão amarga e dura. O menino pôs-se de pé e pediu: “Parem, parem! Eu já sei como é que começa uma guerra!” “Os filhos das trevas são mais sábios (sabidos?) que os filhos da luz” e, por isso, vão predominando, apesar do heroísmo dos crentes. E, dentro desse quadro perturbador, está o cristão bem como sua família. É preciso e urgente que as vozes cristãs se levantem e os crentes façam o que estiver ao seu alcance para que a maldade seja contida e o bem se imponha para a redenção da humanidade.



Li, certa vez, acerca de um incêndio na floresta. A fogueira imensa destruindo as árvores e matando animais e aves que povoavam a floresta. Muitos homens lutavam contra o incêndio. Pequeno passarinho se dispôs, também, a colaborar. Voou até o rio, mergulhou, encharcando as penas, e voltou para sacudi-las sobre o fogaréu. Era pouco, mas era tudo o que ele podia fazer. Se os crentes cessarem com suas divergências e se puserem sob a ação do Espírito Santo, tendo Jesus Cristo — não como hóspede do lar — mas como membro permanente da família, por pouco que façam, estarão batalhando a batalha incruenta da redenção da família, da sociedade e da pátria.

De Monteiro Lobato é o pensamento: “Um país se faz com homens e livros”. Mas, que espécies de livros? Esse é o problema, visto que há livros que desajudam, que destroem. FAMÍLIA EM FOCO é um livro atual e que vem para ajudar nossa gente, das igrejas e de fora delas, a vencer a crise em que se debate o mundo. A promessa de Jesus quanto à vinda do Espírito é de que, na sua vinda, traria à liberdade, escravos que fomos do pecado e da maldade. E o Espírito do Senhor está em ação através de mensagens como as que a autora destas páginas, vivas e eloquentes, põe diante de nossos olhos e procura alcançar nosso coração.

Se minha palavra tem algum valor, então, “ouça”  
FAMÍLIA EM FOCO! Você tem grande e especial missão:  
a de ajudar a redenção da família, que é a salvação da  
pátria e do mundo! Vá, cumpra sua tarefa, dê seu  
recado confiando — como confia quem o escreveu —  
no poder de Deus que, pelo sangue de Seu Filho Jesus,  
redime o homem e estabelece a família na sua posição  
certa — a de “célula mater” da sociedade.

Que o Espírito Santo use você, ao lado da Palavra  
do Senhor — a BÍBLIA SAGRADA — com poder, trazendo  
de volta a alegria a muitos lares, bem como  
resguardando outros de fracassos, e preparando a  
geração nova que vem surgindo para a formação de  
novas famílias que, assim, constituam lares santos,  
orando e louvando ao Senhor cantando:

Ó Deus, Pai e Senhor,  
Protege o nosso lar,  
Nele haja sempre amor  
Bondade e paz sem par:

Um templo dedicado a Ti,  
Queremos-Te morando ali.  
No lar cheio de luz,  
Possamos nós viver,

E, unidos em Jesus,  
Sirvamos com prazer:  
Ligados no temor de Deus  
Andemos juntos rumo aos céus.

E quando terminar  
Nossa jornada aqui,  
Vamos viver, ó Pai,  
No céu, junto de Ti:  
Que o nosso lar aquém do véu  
Espelhe o lar feliz do céu.

*Amantino Adorno Vassão*  
*Niterói, 12 de setembro de 1988.*

## **A COLUNA DE GILGAL**

“...Falou o Senhor a Josué, dizendo: ...Daqui do meio do Jordão, ...tomai doze pedras; e levai-as convosco...

...As doze pedras que tiraram do Jordão, levantou-as Josué em coluna em Gilgal.

...Para que todos os povos da terra conheçam que a mão do Senhor é forte: a fim de que temais ao Senhor vosso Deus todos os dias” (Js 4.1,3,20,24).

Depois de quarenta anos de peregrinação, Israel chegava à terra prometida. Tendo ainda o Jordão pela (rente, transbordando pelas ribanceiras, o Senhor ordenou aos sacerdotes que conduziam a arca da aliança que entrassem com ela no rio e ali ficassem parados. Ao obedecerem, eles viram que as águas se separavam, permitindo que todo o povo atravessasse a “pé enxuto”.

E então veio nova ordem do Senhor para que doze pedras fossem retiradas do leito, agora descoberto, do rio, e levadas ao alojamento.

Chegando a Gilgal, Josué tomou aquelas pedras o levantou-as em coluna como um testemunho dos milagres operados por Deus e para que no coração de cada um houvesse temor do Senhor.

Como teria sido aquela coluna? Imagino uma coisa tosca, bem simples; as pedras alisadas pelo Lassar das águas, possivelmente marcadas pelo limo, de diferentes tamanhos e qualidades. E foram ligadas num só propósito de testemunhar os milagres de Deus e conservar na memória das gerações que haveriam de vir, a importância da felicidade e do temor do Senhor.

Quando pensava em como deveria fazer a apresentação deste livro, veio-me à lembrança a figura da coluna de Gilgal. Cada verso, cada estudo, seria como uma pequena pedra natural, tirada do leito desse rio da nossa vida. E tudo, então, arrumado em despretensiosa coluna, tendo simplesmente o propósito de testemunhar as bênçãos do Senhor e lembrar deveres para com Ele, na família, tão sacudida pelos impactos do mundo e das forças diabólicas.

Aí está, portanto, nossa modesta “coluna de Gilgal”, por coincidência, exatamente quando estamos completando (precisamente a vinte e sete de janeiro de mil novecentos e oitenta e nove) quarenta anos de caminhada como família, não pelo deserto, mas por montes e vales, com sol, chuva ou tempestade — mas sempre guiados de dia pela “nuvem” e à noite pela “coluna de fogo” — penhores da presença constante do Senhor!

Assim, continue Ele a abençoar-nos. Amém.

*A autora.*

## MILAGRES DO AMOR

*Lucas, cp. 2*

Eu creio na família  
criada por Deus.  
Que, embora por tantos rejeitada,  
frequentemente desvirtuada,  
fugindo ao padrão divino do Criador,  
será por Ele preservada!

A relíquia sobrará  
contendo o calor do ninho,  
a leveza do passarinho,  
o perfume do manacá...

Vejo poesia no nené embalado  
por braços cansados;  
Incessantemente vigiado  
por olhos insones,  
capazes de ver além:  
do transformar a “manjedoura”  
num berço encantado;  
de ver aquelas simples “faixas”  
como se fossem  
rico tecido bordado...

Identifico-me com as mães  
fraquinhas como eu  
que não conseguem desligar,  
nas noites compridas,  
o ouvido e a mente  
da porta de entrada,  
até que ela se abra devagarinho  
no silêncio da madrugada...

Lembro Maria,  
que ao encontrar, três dias depois,  
o Filho querido  
Que no templo ficara,  
mesmo vendo-o “entre os doutores”,  
liberta o clamor sentido  
que em su'alma se formara:  
— Filho, por que fizeste assim?!  
como se ignorasses a dor  
que sobreveio a teu pai e a mim?!”

Encanta-me o lar de Nazaré  
que, embora pobrezinho,  
encerra tanta riqueza  
de vivência familiar:  
pais cheios de carinho;  
o filho, que submisso lhes é,  
e que aprende a carpintar  
trabalhando junto a José...

E, já no fim da jornada,  
a mãe — superando a fraqueza  
que antes manifestara —  
surge na senda da cruz  
tão nobre e tão bela  
no desafio da dor,  
que estranho poder revela!

De Deus se agiganta na força  
e, sem gritos nem desespero,  
seguindo o Divino Filho,  
contempla o ápice do amor:  
Ele da cruz se esquecendo,  
das injúrias e da dor,  
preocupa-se com ela aqui:  
“ — Mãe, eis aí o teu filho.  
— Filho, tua mãe eis aí!”



## VOCÊ SE ESQUECEU

(Para as minhas noras Mônica e Michele)

*“A mulher quando está para dar à luz tem tristeza, porque a sua hora é chegada; mas depois de nascido o menino, já não se lembra da aflição...” (Jo 16.21).*

Eu vi você, Mãe,  
durante nove meses  
sonhando  
com o filho desejado.  
Imaginando  
o momento de tê-lo  
ao seu peito aconchegado!

Você teceu sapatinhos  
de lã e de linha.  
Fez camisinhas,  
cueiros, mantas, babadouros  
e uma porção de fraldinhas...

Chegou a hora,  
você ficou nervosa.  
Você sofreu.  
Mas, logo depois,  
tudo passou,  
você se esqueceu:  
porque um bebê rechonchudo  
era seu filho!  
porque o seu filho nasceu!

Você quase passava as noites acordada,  
entre um e outro chorinho sentido,  
entre uma e outra mamada...  
Mas pela manhã,  
como uma sonâmbula,  
enquanto ele dormia,  
uma pilha de roupinhas você lavava  
e, no varal, uma a uma as estendia!

Logo ele engatinhava, dizia “dadá” e “teté”...  
— Que gracinha!  
— Como cresceu!  
E das noites mal dormidas  
depressa você se esqueceu...

Brinquedos, sopinhas,  
febres repentinas,  
escola, adolescência...  
Um braço quebrado  
— que susto!  
Má — criações...  
— Ah! precisa paciência!  
— Vou te dar umas palmadas,  
menino levado!

Faz tanto tempo!

— Menino, você não comeu direito!  
— Está frio. Ponha um agasalho!  
— Mas, mãe, ele já é homem feito!  
Não vê que o menino cresceu?!  
Mas você nem faz conta!  
Se “já não se lembra”  
das dores passadas,  
das travessuras e febres,  
das noites compridas,  
dos sustos e medos,  
também se esqueceu  
de que o tempo passou  
e o menino cresceu!

## DEIXAI QUE ELES VENHAM...

*“Deixai vir a mim os pequeninos, não os embaraceis, porque dos tais é o reino de Deus” (Mc 10.14).*

Certo domingo, em nossa Igreja (no dia da criança), numa cerimônia simples e edificante, apresentando, em oração, os nenês ao Senhor, o pastor lembrou que Jesus disse a todos “Vinde a mim”, mas não teve necessidade de fazer esse convite direto às crianças, porque elas se inclinam a ir a Ele, e vão com alegria. Com relação às crianças, Ele disse, porém, aos adultos: “Deixai vir a mim...”

Esta palavra tem sua razão de ser, pois os discípulos tentavam impedir que as crianças chegassem a Jesus.

Comecei a pensar na cena em que os Evangelhos Sinóticos descrevem o encontro de Jesus com os pequeninos. “Deixai vir a mim...” E concluí: a nossa impossibilidade, o nosso dever, como adultos, é ir a Jesus e deixar que as crianças inocentes e espontâneas também se cheguem a Ele.

Por que os discípulos queriam impedir que trouxessem as crianças a Jesus? Cuidado com o Mestre que estaria cansado? Talvez. Mas naqueles dias em que as mulheres e as crianças não eram contadas (mt 14,21 o 15.38), eles podiam estar achando, como muitos, em nossos dias também, que as crianças só atrapalham!

Quantas mães têm, na televisão, uma espécie de babá eficiente, sem acordar para a realidade de que esta maravilha do século é arma de dois gumes e está roubando a inocência e até a saúde de seus filhos? — “Mas, com a televisão, eles não atrapalham a gente...”

*“Deixai vir a mim...”*

Tantas vezes as crianças estariam prontas para serem conduzidas pela mão até à Igreja, onde aprendem a estudar a Palavra de Deus, onde se exercitam na oração. Mas o papai ou a mamãe estão cansados foram dormir tarde, trabalharam a semana toda e... no domingo, preferem ficar em casa...

*“Deixai vir a mim...”*

Às vezes eles dizem aos filhinhos: — “Há um Deus que nos ama e que espera que o amemos e que sejamos bonzinhos, não briguemos, não mintamos para o papai e para a mamãe...”

Mas eles mesmos discutem diante das crianças mandam dizer que “não estão”, e ao invés de louvarem o Senhor “em tudo”, reclamam e murmuram por tudo enquanto os olhinhos curiosos e os ouvidinhos atentos registram tudo!

Quantas oportunidades, cada dia, de pensar com seriedade nas crianças, de *conversar* com elas, de levá-las a um passeio, de responder honestamente às suas perguntas, de gastar mais tempo falando-lhes das coisas de Deus, de deixar que elas se encaminhem a Cristo!

Na própria disciplina inteligente, tranquila, sem gritos e pancadaria, mas com muita firmeza, estaria uma forma de conduzirmos seguramente os pequeninos ao Senhor, sem embarçá-los com a nossa negligência ou com a nossa ira.

Pais e professores: o apelo é dirigido a nós:

*“Deixai vir a mim os pequeninos, e não os embaraceis...”*

## BONECAS E MAIS BONECAS

*(Em casa da vovó)*

Em minha casa ultimamente,  
as coisas estão mudadas.  
A vida está diferente!

Se os pratos eu vou arrumar,  
Descubro no secador,  
A mamadeira limpinha  
Que não sei onde guardar...

Na sala, de vez em quando,  
uma boneca escabelada  
(que já vi, certa vez, de vestido,  
mas agora, inteiramente pelada!).

— E, como as colheres de pau  
vieram parar aqui?!  
Tampas de panelas no sofá?!  
São coisas que nunca vi!

Na cadeira do papai  
há outra boneca sentada:  
de pano, com olhos azuis  
e cabeleira encaracolada...

E até na escrivaninha  
“sobrou” uma pequena boneca  
que chegou pela mãozinha  
de uma garota sapeca...

Lá no quarto da vovó  
está na cama a sacola  
com fraldas e mamadeiras,  
chupetas e uma bola.

Tudo está mais alegre!  
Tudo está diferente!

Mas o que mais me encanta  
são os “toquinhos de gente”!

Fernanda chamando o “au-au”,  
e Lila de mãos preparadas  
para agarrar os cabelos  
“titias” descuidadas...



Graças, Senhor, pelas bonecas,  
que são deixadas na casa  
de forma assim displicente!

E por estas bonecas tão vivas  
Que reviram todos os cantos  
e alegram a vida da gente!

## O MENINO DE CASACO MARROM

Terminal Rodoviário Tietê

“ — Juizado de Menores.

Alô, Alô! Atenção!

chamamos os pais

(ou responsáveis)

de um menino

de casaco marrom

de aproximadamente

dois anos de idade...”

“ — Alô, Alô! Atenção!

...um menino

de casaco marrom...

...dois anos de idade...”

“ — Um menino

de casaco marrom...”

Não sei quantas vezes

ouvi a voz insistente,

metálica e indiferente

que apelava para os pais

de um menino extraviado

que alguém havia encontrado.

— Menino de casaco marrom:  
eu imaginei você, franzino,  
com olhinhos assustados,  
(apenas dois aninhos),  
sem saber dizer seu nome,  
tremendo de medo e de frio  
no meio de pessoas estranhas,  
talvez de estômago vazio...

— Qual a sua história?  
— Como você se perdeu?  
Por descuido ou de propósito  
(neste mundo tresloucado)  
tudo Isto aconteceu?

E enquanto o tempo passava  
e o alto falante  
Insistente anunciava,  
no meu tempo de espera,  
a ausência de seus pais,  
eu me envolvia em sua história  
e sofria cada vez mais!

Tive vontade de vê-lo,  
segurar suas mãozinhas,  
alentar seu casaco marrom,  
aconchega-lo ao peito  
e dizer-lhe ao ouvido:  
— Não fique assustado!  
ainda que não pareça  
você é muito amado!

— Eu estou de passagem;  
nem posso ficar com você...

— Mas sei de Alguém  
(Alguém que você não vê)  
que ainda mais do que eu  
ama as criancinhas  
perdidas como você!

E logo pedi a Ele  
que ficasse do seu lado,  
que o ajudasse a ser feliz  
e a ser depressa encontrado!

## O SEGUNDO CORDÃO

*“Disse o rei: Dividi em duas partes o menino vivo, e dai metade a uma e metade a outra.*

*Então a mulher, cujo filho era vivo, falou ao rei (porque o amor materno se aguçou por seu filho), e disse: Ah! Senhor meu, dai-lhe o menino vivo, e por modo nenhum o mateis. Porém a outra dizia: Nem meu nem teu: seja dividido.*

*Então respondeu o rei: Dai à primeira o menino vivo: não o mateis, porque esta é sua mãe” (IRs 3.25-27).*

Todos sabem  
a respeito  
do cordão umbilical  
que liga o feto  
à sua mãe,  
e através do qual  
a seiva da vida,  
durante nove meses,  
lhe é transmitida.

Quando o bebê  
está preparado  
para viver por si,  
a própria natureza  
o expulsa do aconchego  
do útero materno.  
Ele chora, assustado,  
mas de nada adianta:  
O cordão é cortado...

E pela vida afora  
muito se fala  
no tal cordão  
que, segundo parece,  
aqui e ali  
no dizer de muitos  
— ou em verdade, até,  
não foi cortado, não!

O que muitos ignoram  
é que há, oculto,  
um segundo cordão.  
Quando o primeiro se corta,  
não é mais necessário,  
o segundo toma vulto.  
É um cordão invisível  
que parte do coração.

Ele prende mais a mãe  
do que o filho.  
Mesmo a mais sensata,  
aquela que acata  
o direito que o filho tem  
de ser ele mesmo,  
de ser na vida alguém...

Descobri esse cordão  
ouvindo a mãe velhinha  
dizer à filha adulta  
que se exauria  
no cuidado da casa:  
— Cuida de ti!  
Estás tão magrinha!  
Nem seios tens, filhinha!

Também ouvindo a outra  
Como sonâmbula  
dizer:  
Não durmo direito...  
Penso na filha  
que não está feliz;  
que tem um lar  
prestes a se desmoronar...

E a que me pediu,  
as lágrimas caindo:  
— Por favor,  
ajude-me a orar!  
Meu filho é moço feito,  
mas está viciado,  
não dá para aguentar!

Descobri também,  
entre feliz e assustada,  
que esse cordão  
às vezes me envolve  
com tanta força  
que não sei se me alegra  
ou se me deixa machucada!

Então fiquei pensando:  
Esse cordão não se corta!  
Ele é mais forte  
que a vida e que a morte!  
Ele vence o mundo  
e desafia o inferno!  
Ele não perece  
Porque é eterno!  
E tem um nome:  
AMOR MATERNO!



## **OS JOVENS NÃO DEVEM MORRER!**

*“Naquele tempo, que resultados colhestes? Somente as coisas de que agora vos envergonhais; porque o fim delas é morte (Rm 6.21).*

No dia 22 de maio de 1974, na clínica de uma das favelas do Rio, nascia uma criança saudável a quem o Dr. Carlos, médico assistente, chamou carinhosamente de “Brasileirinho”, associando seu nascimento à proximidade da comemoração da Descoberta do Brasil. Os pais do garoto adotaram o apelido, pelo qual ele passou a ser conhecido.

A mãe, trabalhando duro como faxineira durante o dia e à noite numa birosca, ajudava no sustento da família que, além do pai, se compunha de mais três filhos. E, segundo a sua versão, teve que se separar do marido porque ele bebia muito.

Talvez, em razão de a mãe trabalhar fora, após a separação o “Brasileirinho” passou a morar com o pai até aos doze anos, quando este morreu.

Nessa idade, porém, a criança inocente e saudável que fora carinhosamente “batizada” pelo Dr. Carlos, já não era a mesma. Iniciara-se no mundo do crime, já não vivia praticamente em casa, envolvera-se com o tráfico de drogas e, dois anos depois da morte do pai, com apenas catorze anos de idade, foi morto numa “batida” policial, como também outros companheiros igualmente jovens (dezenove, vinte, vinte e um, trinta e quatro anos e até uma menina de catorze anos).

A história desse adolescente é a de quase todos os outros que, na favela ou na cidade, enveredaram pelo caminho de miséria e de engano do crime.

Lendo os jornais, um dia depois de mais um destes cercos policiais, decididos a pôr termo ao tráfico de drogas, comove acompanhar a angústia de mães e pais, como da D. Carlinda, mãe do “Brasileirinho”, ou do seu José, pai do Erick, que entre lágrimas de desespero afirmava: “Às vezes um pai tenta fazer tudo e não consegue”. E até uma mãe crente — D. Antônio que, orando, lamentava o desvio do filho, José, para o “caminho da perdição”, onde veio a encontrar a morte.

E não é só aqui no Rio nem apenas no mundo do crime que se deparam estas situações tristes. Viajando pelo Brasil afora, falando nas Igrejas, em grupos de mulheres aqui e ali, tenho sido solicitada a orar ou simplesmente a compartilhar dramas de mães e familiares de jovens nas mais diversas e desagradáveis situações. Jovens que, por fraqueza, desajustes na família, insinuações de falsos amigos, necessidade de autoafirmação, enveredaram-se pelo caminho das drogas, da bebida ou de outras coisas estranhas.

O “caminho sem fim” dos tóxicos não é tudo, infelizmente, o que mina a juventude de nosso tempo. Dentre outras coisas impera uma frouxidão moral com foros de progresso, com certo toque de “Radical Chique”, que assusta, pois, além do mais, nos alerta no sentido de que, até nações outrora em posição invejável, encontraram aí o começo do seu fim.

É uma pena ver meninas que se prostituem como se o fazê-lo fosse algo de avançado ou moderninho, sem se lembrarem de que as conquistas fáceis tendem a enojar. É o que lemos a respeito de Amnon e Tamar, em II Sm 13.15: “Amnon sentiu por ela grande aversão, e maior era a aversão que sentiu por ela que o amor que lhe devotara. Disse-lhe Amnon: Levanta-te, vai-te embora”.

Revolta constatar o que a televisão, em seu horário nobre, de preferência através das novelas, em situações vividas por seus personagens, tem feito no sentido de manipular as mentes juvenis. Inclusive apresentando propaganda escancarada de homossexualismo e sexo livre. Daí a naturalidade com que jovens comentam as “transas” como coisa que faz parte da vida diária, lamentando apenas a Aids, que veio limitar os seus prazeres!

E, às vezes, a gente tem de “engolir” até uma mulher velha, animadora de programa de TV, que, falando a um auditório repleto acerca do perigo da Aids, sem nenhum respeito pela gravidade do assunto, a única coisa que tem a recomendar, às gargalhadas, é que não deixem de usar a camisinha!

Os meios de comunicação insistem em escancarar diante de todos, inclusive crianças e adolescentes, tudo o que há de negativo pelo mundo afora. É o quadro real da vida, afirmam. Mas, não acontecerá, por acaso, alguma coisa bela e nobre, digna de ser mostrada, ainda que a título de estímulo?! Ao lado de pais que falham não haverá os que acertam ou pelo menos tentam fazê-lo? Não haverá heróis anônimos por aí, digno de serem revelados? Mas isto não dá lbope!

Pensando nessa multidão que ao nosso redor está morrendo, em “batidas” policiais ou sob o efeito das drogas, ou ainda morrendo em seu ânimo, em sua inocência, em sua beleza, morrendo, talvez, tanto como se fosse em uma guerra de verdade, lembro as palavras de Paulo, escrevendo aos Romanos (6.16): “Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis para obediência, desse mesmo a quem obedecéis sois servos, seja do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça?”

E rememorando o efeito da escravidão do pecado, ele diz no verso 21 do capítulo 6, acima citado: “Naquele tempo, que resultado colhestes? Somente as coisas de que agora vos envergonhais, porque o fim delas é morte”.

Além de tudo, é a morte da capacidade de revelarmos toda a potencialidade de que Deus nos dotou.

Mas Paulo conclui (vs. 22-23): “Agora, porém, libertados do pecado, transformados em servos de Deus, tendes o vosso fruto para a santificação, e por fim a vida eterna; porque *o salário do pecado é a morte*, mas o dom gratuito de Deus é a *vida eterna em Cristo Jesus* nosso Senhor”.

João, em sua primeira epístola, cp. 2, v. 14 diz: “...Jovens, eu vos escrevi porque sois fortes, e a palavra de Deus permanece em vós, e tendes vencido o maligno”.

Estaria ele escrevendo a um punhado de jovens privilegiados, de seu conhecimento, ou seria a sua palavra um desafio aos jovens, de modo geral, uma proposta de vida?

“Jovens fortes”, em cujo coração permanece a Palavra de Deus, vencedores do maligno em qualquer que sejam as suas armadilhas; jovens com domínio próprio, que sabem o que querem, que tem um ideal digno de ser exposto ao mundo, que têm garra para perseguir este ideal até o fim; que são capazes de acreditar em si mesmos, de enfrentar as adversidades sem lamentos, sem atribuir seus possíveis fracassos à educação que receberam, aos pais que tiveram, aos amigos que falharam, à sociedade injusta, — é destes que o país precisa para sair do caos em que se encontra; é a estes que o Senhor convoca para realizar a obra que nem a anjos confiou, mas a homens fortes, revestidos de Seu poder!

Os jovens não devem morrer, mas precisam viver para nos substituírem com muita vantagem, a nós que vamos passando, pois a ciência e a tecnologia lhes oferecem hoje muito mais do que tivemos.

Sim, os jovens não devem morrer!

## REMÉDIO DIVINO

O problema é antigo como a própria humanidade. Para ele, muitas soluções novas se têm estudado.

É uma doença que tem sido tratada de muitas maneiras e com os mais diversos remédios. Alguns como a cortisona e outras similares que, segundo os entretidos, podem ser armas de dois gumes.

Usando e abusando do relativo livre arbítrio que o Senhor lhe concedeu, a humanidade se tem atirado avidamente — e de modo especial os jovens — às experiências mais ousadas e extravagantes, buscando uma saída ou, quem sabe, até mesmo uma compensação para a frustração de uma resposta sempre negativa.

Se olharmos o problema em seu aspecto global, temos de encarar as guerras, os tratados fracassados, o medo entre as nações, a desigualdade gritante, alimentada, gerando descontentamentos, criminalidades, delinquência juvenil.

Se particularizarmos, focalizando a família, aí estão os divórcios em massa, vozes que se erguem cada vez mais, gritando por seus direitos, muitas vezes sem desejarem ao menos tomar conhecimento de uma coisa que se chama dever. Divergências seríssimas entre pais e filhos, que não conseguem se entender. Frustrações, descontentamentos íntimos, tragédias...

Tão antigo quanto a doença é o remédio providenciado por Deus. Mas a receita tem estado esquecida dentro de antigas e amarelecidas páginas. Poucos têm acertado com ela: apenas os que são suficientemente humildes para aceitar que, embora antiga, perdida no meio de palavras singelas e despretensiosas, ela é infalível, muito melhor que a sua própria solução.

Gostaria de convidar os que ainda são capazes de reconhecer que a minha e a sua solução — por mais erudito ou bem dotado que você, porventura, seja, — são simples remendos. Estes, que venham comigo, sem ideias preconcebidas, para uma visita à antiga “Biblioteca”, a fim de fazermos uma pesquisa.



Não será difícil descobrirmos, numa busca desapaixonada através das páginas da Sagrada Biblioteca, uma palavra imperativa, que clama, incentiva, indica o caminho a seguir rumo ao antídoto para o veneno, ou ao remédio para o mal que chicoteia a humanidade:

— “Amarás...”

— “Amarás...”

— “Amarás...”

— A quem?!

— “...O Senhor teu Deus”... “o teu próximo”... “... os vossos inimigos”...

— Como? Em que medida?

— ...“de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento...” e “...o teu próximo como a ti mesmo...” Amarás... Amarás, porque “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16).

“Nós amamos porque ele nos amou primeiro. Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê (I Jo 4.19-20).

“O amor não pratica o mal contra o próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor” (Rm 13.10).

Se houver amor, não haverá guerras. Não haverá desconfiança, fraudes, sequestros, razões para medo.

Se houver amor no lar, haverá desejo de servir, capacidade de renunciar. Haverá perdão. Lembrança de que os deveres existem ao lado dos direitos. Todos falarão a mesma língua. Não haverá necessidade de divórcio...

O amor reparte seu farnel, oferece a sua capa e o seu cobertor, pensa os ferimentos, lava as chagas, anda a segunda milha...

*“Quando segares a messe da tua terra, o canto do teu campo não segarás totalmente, nem as espigas caídas... Não rebuscarás a tua vinha, nem colherás os bagos caídos da tua vinha: deixá-los-ás ao pobre e ao estrangeiro” (Lv 19.9-10).*

Isto faz parte da “receita”.

Pena que ela figure apenas entre páginas quase esquecidas e não nos códigos das nações, nos umbrais das nossas casas e nas paredes vivas dos corações!

O que temos feito para torná-la conhecida?

Não diga que é muito fraca a minha ou a sua voz para clamarmos nesta hora aos que “correndo passam”. A ordem do Senhor é entregar a mensagem. Se todos nos conscientizarmos disso, preocupados, não com o mundo inteiro, mas com os que passam pelo nosso caminho; se olharmos cada dia e a cada momento ao nosso redor, primeiro para vivermos a mensagem, depois para a transmitirmos, o mundo tomará conhecimento do Remédio Divino, do recado de Amor que fomos incumbidos de entregar!

## LENDO A PALAVRA

*“...Qual é o principal de todos os mandamentos? Respondeu Jesus: o principal é: ... o Senhor nosso Deus é o único Senhor! Amarás, pois o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força.*

*O segundo é: Amarás a teu próximo como a ti mesmo” (Mc 12.28-31).*

Era como se Ele estivesse  
ao meu lado e me dissesse:  
— Tu vives num mundo corrompido  
onde escasseiam os nobres ideais.  
Onde os homens se odeiam e se matam.  
Onde fazem a guerra sem saber por quê.  
E nem os filhos confiam em seus pais.

— E há quem ache até muito natural,  
que, se um homem pela vida foi lesado,  
se carece de recursos ou bens materiais,  
vista a pele de um louco marginal  
e invista contra aquele que tem mais!

— Os que te cercam só falam em *direitos*.  
Gritam tanto e argumentam tão bem  
que a tua voz, medrosa, morre na garganta  
quando tentas, timidamente, perguntar:  
— Mas, não existem *deveres* também?!

— E é preciso estar sempre atento  
para numa “ilha” não seres transformado.  
Também para que, vivendo entre estranhos,  
não assimiles erros tamanhos,  
nem sejas do teu alvo desviado.

— A tua meta é um ideal de Amor  
que eu ensinei, mas que também vivi.  
Amor capaz de consertar o mundo,  
deter as guerras, esgotar a ira;  
e colocar os outros acima de ti!

— E não é só por atos ou palavras  
que se revela ter do Amor a direção.  
É preciso o interior esvaziado  
do fel do ódio, que vem disfarçado.  
E uma vida de novo renascida,  
para amar de todo o coração!

## **“VÓS NÃO QUISESTES!”**

*(Is 30.15-19)*

Soa com um toque de nostalgia, até mesmo um leve tom de tristeza, a Palavra de Deus através do profeta Isaías (texto citado, v. 15) quando diz: “Em vos converterdes e em sossegardes, está a vossa salvação; na tranquilidade e na confiança a vossa força, mas não o *quisestes*”.

A conversão leva o coração a sossegar na presença do Deus revelado; então a palavra de ordem é estar tranquilo e confiante no Senhor que cuida até dos passarinhos e das flores, como disse Jesus no Sermão do Monte, — desde que o desejemos.

“...Mas não o quisestes”, lamenta o Senhor. E o texto prossegue dizendo que o povo preferiu providenciar, ele próprio, o seu escape sobre “cavalos ligeiros”, que não foram capazes de ajudá-lo!

A mesma ideia encontramos no *Salmo 81*: “...Ó Israel, se me escutasses! ...Mas o meu povo não me quis escutar a voz e Israel não me atendeu... ...Eu de pronto lhe abateria o inimigo... ...Eu o sustentaria com o trigo mais fino e o saciaria com o mel que escorre da rocha”.

No Evangelho de Mateus (23.37) a palavra de Jesus tem sentido idêntico: “Jerusalém, Jerusalém! ...quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós *não o quisestes!*”

É como o pai amoroso que sonha com a prosperidade do filho, faz tudo para vê-lo aprumado e feliz, e de repente o vê rejeitando orgulhosamente tudo, até o carinho e amor que, de graça, lhe são oferecidos!

O Pai da parábola do “Filho Pródigo”, contada por Jesus, nada fez desde o momento em que o filho decidiu escolher o seu próprio rumo, sem maturidade, embora, para fazê-lo. Mas houve um dia em que ele “caindo em si”, tendo aprendido duramente com a própria experiência, sentiu saudades de casa e resolveu voltar. Aí, sim, aquele Pai que não cansara de esperá-lo correu a recebê-lo, presenteando-o e promovendo festa por sua volta, demonstrando a sua alegria.

Ainda no livro de Oséias, o Senhor nos mostra como trata com filhos adultos que se rebelam. Ele diz (Os. 4.17): “Efraim está entregue aos ídolos; é deixá-lo”. E no verso 19 mostra as consequências da escolha feita pelo filho: “O vento os envolveu nas suas asas; e envergonhar-se-ão por causa dos seus sacrifícios”.

Em todos os textos que citamos está implícita a ideia de que Deus não nos trata como a fantoches, mas como gente capaz de raciocinar e decidir. Como faria o pai de bom senso: não é simplesmente entregar o prato feito, mas o que lemos é quase a súplica para um andar ombro a ombro, num relacionamento gostoso de adultos que se entendem.

“Vós não quisestes”...

A orientação do Senhor, diante das encruzilhadas da vida, do sofrimento, da carga pesada, é confiar no Companheiro de jornada, escolher andar ao seu lado, agindo como se tudo dependesse de nós mas descansando como se tudo dependesse dEle!

Ele nos sustentará com o “trigo mais fino” e com o “mel que escorre da rocha”, — se o quisermos!



## **“...PORQUE TU ESTÁS COMIGO...”**

*(Salmo 23.4)*

*“Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo”.*

Porque Tu estás comigo,  
porque és o meu Pastor,  
de nada eu terei falta  
seja abrigo, pão, amor...

De manhã, lá no jardim,  
Tu falastes com Maria.  
E soando a Tua voz,  
o pranto virou alegria!

À tardinha, em Emaús,  
corações entristecidos,  
ao calor dessa Presença,  
Sentiram-se aquecidos.

Madrugada, na Galileia,  
pescadores junto ao mar,  
frustrados, famintos, com frio,  
um Estranho viram chegar.  
Logo suas redes se encheram,  
seus olhos foram abertos.  
Agora não mais duvidavam;  
da vitória estavam certos.

E como se não bastasse,  
ao chegarem lá na areia  
havia peixes na brasa,  
calor e pães à mancheia!

Seja tarde, manhã ou noite,  
com adversário ou amigo,  
mesmo no vale da morte  
— Jesus! que estejas comigo!

## **JESUS, O JUGO E O LAR**

*(Mt 11.28-30; Cl 3.18-21)*

O lar foi o primeiro palco da tentação. Não foi num campo de batalha que o inimigo se manifestou pela primeira vez ao homem, mas na tranquilidade da vida em família (Gn 3.1).

Sagaz como é, ele estava certo de que teria poucas possibilidades de vitória, para o futuro, tratando com pessoas que vivessem em lares ajustados e cheios da presença de Deus. Numa oportunidade em que pôde tratar com a mulher só (mais fácil derrubar um que os dois juntos), ele conseguiu o seu intento, levando-a a duvidar da Palavra de Deus e a desobedecer-lhe. E estava aberta a porta para um rosário de problemas na família.

Nossa geração não se exclui desses problemas. Pelo contrário, eles se agravam cada vez mais. Bastaria mencionar: o descrédito do casamento; a liberdade excessiva de cada um dos cônjuges que, com honrosas exceções, querem a satisfação plena do seu EU, permitindo-se, tantas vezes, o direito de buscar, em novas e sucessivas experiências, o que, porventura, não tenham encontrado na primeira, sem um esforço autêntico para corrigir os erros cometidos;

filhos que partem à busca de uma realização — o que é louvável — mas tantas vezes sem tentar (ou sem conseguir?) um diálogo com os pais que, aos seus olhos (ou em realidade?) são “quadrados” ...

A velha Bíblia, sempre rica em soluções novas, abre-se diante de nós, diagnosticando a doença e indicando remédios, num convite a um “meia-volta, volver”, visando à restauração do enfraquecido lar do século XX. É o que pretendemos examinar neste estudo.

Verificando com cuidado os problemas que afligem os lares, descobrimos que a maioria deles tem sua origem no *egoísmo*, ou no *egocentrismo*, a despeito de todos os diferentes nomes ou capas coloridas que lhes queiram dar. Infidelidade. *Machismo*. *Feminismo*. *Abandono* de responsabilidades. E, quantos males, mais, são gerados pelo EU de rédeas soltas!

O EU exaltado, separa. divide!

Em seu livro “Realidade e Religião”, o famoso místico indiano, Sadu Sundar Singh, afirma: “Se todos resolvessem abandonar seu egoísmo, todas as dissensões do mundo cessariam e a terra seria um paraíso. Todos os pecados se originam no egoísmo. Esta é a razão por que nosso Senhor nos manda que nos neguemos a nós mesmos e o sigamos”.

E as soluções? Uma delas, de acordo com a Palavra de Deus, seria a vitória do altruísmo.

No texto citado (de Cl 3.18-21), temos um quadro que, se bem examinado, nos leva a conclusões interessantes. A orientação é para que cada um se volte para o seu próximo. Vejamos:

“Esposas, sede submissas aos *próprios* maridos...”

“Maridos, amai a *vossas esposas...*”

“Filhos, obedecei a *vossos pais...*”

“Pais, não irriteis os *vossos filhos*, para que não fiquem desanimados...”

Esta orientação se repete em Ef 5.22-23; 6.1-4 e I Pe 3.1-7.

Na prática, descobrimos que, agindo assim, acabamos *recebendo de volta* aquilo de que abrimos mão. Podemos imaginar o lar onde a esposa seja inteligentemente submissa ao marido, dando-lhe o lugar de líder; o marido ame a esposa “como Cristo amou a sua igreja e a si mesmo se entregou por ela”; os filhos obedçam aos pais e estes não abusem da sua autoridade ao ponto de irritá-los, ou desanimá-los!

Alguém pode dizer: “Não é fácil!” É verdade. É um jugo sob o qual nos disporíamos a entrar. Mas Jesus, em cuja palavra encontramos a lei do altruísmo, disse que somente tomando o Seu jugo encontraríamos descanso para as nossas almas (Mt 11.29).

Que é um jugo? É uma canga que é colocada sobre os pescoços de *dois* bois e atrelada ao carro que eles devem conduzir. Algo assim:

A origem da palavra “cônjuge” sugere alguém sob o mesmo jugo. Aplicando o que aprendemos em Cl 3.18-19, no que diz respeito a marido e a mulher, teríamos o jugo assim:

Para o marido, o jugo é o dever de amar; para a mulher, o de ser submissa.

Na carta aos Efésios (5.24-25), verificamos que Paulo estabeleceu um paralelo entre a união do casal, e a união de Cristo e Sua igreja. Ele diz: “Como... a *igreja* está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam submissas a seus maridos. Maridos, amai vossas mulheres, *como também Cristo* amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela”.

Existe, pois, jugo igual, que Jesus tomou pela Sua igreja, mas ao mesmo tempo, convida a igreja para ir com Ele, do outro lado, quando diz: “Tomai sobre vós o meu jugo...” (Mt 11.29).

A parte do Senhor (como a do homem) é o amor, ou dever de amar; a da igreja (como a da mulher) é a submissão. Figuraríamos assim:

Este é o modelo para a vida no lar. Um jugo feito de altruísmo, cada qual preocupado com o outro, ao invés de buscar as honras e privilégios apenas para si. Um padrão que funciona igualmente bem no relacionamento de pais e filhos, operários e patrões, sogros e genros, sogras e noras.

O ideal é que as *duas partes* estejam de acordo com este esquema, mas esta não é condição “sine qua non” para que ele funcione. O fazendeiro, quando coloca o boi manso sob o mesmo jugo com o bravo, sabe que pela paciência e perseverança do primeiro, o segundo acaba aprendendo a sua parte, e então, ambos juntos conduzirão, sem problemas, o carro...

Assim acontece ao casal quando um aceita Jesus e se dispõe a ser o “boi manso”... Certamente colherá o seu fruto, a seu tempo, pela perseverança e obediência ao Senhor.

Meditando sobre o convite de Jesus para buscarmos descanso debaixo de um jugo — o Seu jugo — achei isto um pouco estranho. Mas não tardou em me vir a explicação: se o jugo é para dois, e Ele me convida para estar sob o Seu jugo, é que Ele está, figuradamente, do outro lado. E, sendo o mais forte, leva todo o peso por mim! Na verdade, o Seu propósito é manter-me permanentemente jungida a Ele, para meu aprendizado, segurança e deleite.

“Encontrareis descanso para as vossas almas...”. Não na rebelião, na infidelidade, no egoísmo; mas no cumprimento da lei do Senhor.

Para concluir, um lembrete: não confie apenas em suas forças ou bons propósitos. Sua vontade é o indispensável “arranque”, mas o “combustível” diário você encontra na oração, atendendo ao convite do Senhor: *“Vinde a mim... e encontrareis descanso...”* Amém.



## NINHO DESFEITO

A tempestade derrubou o ninho.  
Os ovinhos se espalharam pelo chão.  
Eu vi uma ave tonta  
batendo as asas ao redor da árvore...

Quis recompor aquele quadro,  
mas não foi possível:  
os ovinhos estavam danificados  
e o ninho não mais se firmava  
no galho de onde caíra!

Os meus olhos ficaram úmidos,  
porque achei muito triste  
ver um ninho desfeito...

## A MOÇA LAURA

(Para o meu irmão Valvídio e minha cunhada Laura, nas suas Bodas de Diamante, — 60 anos de casados).

“ Mulher virtuosa, quem a achará?”

O seu valor muito excede ao de finas joias...

“... Como o navio mercante, de longe traz o seu pão... ”

“... Atende ao bom andamento da sua casa e não come o pão da preguiça” (Pv 31.10, 14, 27).

— Faz tempo. Nos idos de vinte e cinco,  
quando o namoro começou,  
alguém de minha família  
contigo se preocupou:

— Quem é essa moça Laura?

— Quais são os costumes seus?

— Será que, para o nosso filho,  
é a mulher ideal,  
a que pedimos a Deus?!

Olhando para trás, nesse dia,  
sessenta anos atrasado,  
vendo filhos, netos e bisnetos,  
tanta festa e alegria,  
respondo ao que foi perguntado.

A moça Laura, que escolhi,  
é a mulher diligente  
que em casa, depois, eu vi  
preparando para a família  
gostoso pãozinho quente!

Quando fermento não havia  
que se pudesse comprar,  
com o padeiro, na padaria,  
uma “amostra” arranjou,  
e com muita sabedoria  
na gamelinha o secou.

E semana após semana,  
pondo água na gamela,  
um novo pão preparava  
e a todos alimentava  
com a habilidade dela!

Como a fé, que é dom de Deus,  
mas precisa ser trabalhada,  
o fermento sempre rendeu!  
E pão de vários sabores  
ela, a todos, nos ofereceu!

Não foi o “pão da preguiça”  
mas de amor e alegria,  
que a nossa casa encantou  
e aqueceu a “noite fria”  
do que por ela passou!  
“Mulher Virtuosa” que é,  
à vida empresta sabor  
“quebrando todos os galhos”  
e sendo força na dor.

E respondo aos que me perguntam,  
à família e a todo este povo  
que festeja aqui nossas bodas:  
— Eu, hoje, te amo ainda mais  
e te escolheria de novo!

**O CASAL  
NA PERSPECTIVA DE DEUS  
À LUZ DA HISTÓRIA BÍBLICA  
À LUZ DA FÉ**

Na criação, “viu Deus que a luz era boa”. Separou a terra das águas e viu “que isso era bom”. Viu, também, que “era bom” a terra produzir relva, ervas e frutos; que os luzeiros colocados no firmamento alumiassem a terra e fizessem diferença entre o dia e a noite; e os seres viventes se multiplicassem nos mares, na terra e nos ares.

Concluída a Sua obra, “viu Deus tudo quanto fizera e eis que era muito bom” (Gn 1.31).

Criou, depois, o homem, colocou-o num paraíso onde havia rios, flores, frutos, ouro e pedras preciosas. E somente aí disse: “Não é bom...”

“...Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea” (Gn 2.18).

Vemos, portanto, o casal no plano de Deus, que o criou “à sua imagem e semelhança”, para viverem ambos debaixo da Sua bênção, crescendo como família, trabalhando e sendo bem-sucedidos (1.28; 2.15), contando com alimento saudável e bom (1.29). E marido e mulher unidos como se fossem uma só pessoa “uma só carne (2.21-24)” e até lhes deu um só nome — “lhes chamou pelo nome de Adão” (5.2).

Foram ambos criados em estado de inocência e pureza (2.15), dotados de livre arbítrio, e sua liberdade foi limitada apenas pelo preceito de obediência ao Deus que os criara e de respeito à Sua soberania.

O homem foi feito cooperador de Deus e a mulher, sua auxiliadora (2.18-19).

Acompanhando a história bíblica, nos deparamos com o episódio, por demais conhecido, do pecado da soberba e da desobediência, que foi o início do desacerto na vida do homem e da mulher.

Vejamos as lições que daí podemos tirar para a vida do casal.

Quando a serpente lançou dúvida sobre a Palavra de Deus, Eva, inadvertidamente, ao invés de encerrar o assunto, dialogou com ela permitindo que uma brecha se abrisse e o inimigo prevalecesse.

Logo encontramos a mulher, não como ajudadora, mas tentando assumir a liderança ao marido, induzindo-o à desobediência.

Numa sessão perfeita de julgamento, ouvindo todas as partes, o Senhor responsabilizou todos os implicados (3.8-19). Observando este detalhe, ao lermos I Tm 2.8-15, temos a impressão de que faltou alguém no banco de réu colocado ali por Paulo..., mas em Rm 5.12-14 ele já deixou bem claro seu pensamento sobre a responsabilidade de Adão também.

Uma das consequências do primeiro erro da mulher, foi a sentença ou previsão de Deus, expressa em Gn 3-16b: “o teu desejo será para teu marido, e ele te governará”. Sinto que não era este o plano de Deus, mas o livre arbítrio foi cerceado pelo mau uso que dele foi feito.

Talvez nesta palavra — “ele te governará” —, alguém tenha se baseado para que o machismo, que viceja tão bem no homem natural, se desenvolvesse tanto...

Mas é importante lembrar a obra da redenção: se caiu sobre Jesus a espada da justiça divina que “se revolvía”, para guardar o caminho da árvore da vida (Gn 3.24), como diz Isaías (53.6) “o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos”, também a mulher, em Cristo, encontra aberto o caminho de volta a seu posto de “auxiliadora idônea”.

Um novo erro da mulher, na tentativa de liderar o marido, aparece na história bíblica, com Sarai (Gn 16.1-3). É a primeira vez, na linha de fé — descendência de Sete — , que na Bíblia é mencionada a bigamia. E por sugestão da mulher, por impaciência, falta de fé ou de compreensão do plano de Deus. (Antes disso há menção da bigamia na descendência de Caim (Gn 4.19).

E, como no caso de Adão, o homem (Abrão) que tinha a responsabilidade de liderar, ao invés de rejeitar a proposta da mulher, “anuiu ao conselho de Sarai”...

Nos dois casos — Eva e Sarai — observam-se as possibilidades que a mulher tem de influenciar direta ou indiretamente na vida do casal, e sua responsabilidade.

As consequências negativas do erro de Sarai e Abrão, aparecem já no próprio texto: Gn 16.4-14 e 21.8-21, para começar. Conflitos entre Sarai e “a outra”, sofrimento de Abrão ao ter que se separar do filho (21.11), e como não podia deixar de ser, a criança, que “não pediu para nascer”, vê-se no *deserto*, *padecendo sede* (21.14-16), como tantos em nossos dias, cujos pais não conseguiram dar um tempo de espera pelo “tempo de Deus”.



E se atentarmos para os conflitos entre árabes e judeus, veremos que os problemas continuam na descendência de Ismael e Isaque...

Os textos revelam a paciência de Abrão com Sarai, em meio aos conflitos que mencionamos. Não sabemos se por se darem muito bem ou por sentir-se, em parte, responsável por aquela confusão...

Mas o que me impressiona sobretudo nessa história é a paciência de Deus. A Sua “vontade permissiva” diante dos erros de Seus filhos nestes problemas familiares.

Sarai e Abrão deixaram um exemplo negativo neste aspecto, que reaparece em Jacó “concordando” com a decisão de Labão que lhe impôs as duas mulheres em lugar de uma, como era seu propósito (Gn 29.28). E o cp. 30 descerra uma cadeia de ciúmes, desavenças e erros decorrentes disso.

No tempo de Elcana e Ana — I livro de Samuel — a bigamia parece que se tornara comum. Não, porém, uma coisa natural, pois os problemas que gerava ainda eram os mesmos. Basta lermos I Sm 1.6-8.

O clímax desse erro que contrariava o plano de Deus, o encontramos na vida de Salomão (I Re 11.1-8), que chegou a ter “setecentas mulheres, princesas e trezentas concubinas; e suas mulheres lhe perverteram o coração (v.3)”.

Como no caso de Sarai e Abrão, acompanhamos a paciência e a tolerância de Deus para com outros servos do passado, na deturpação que fizeram do Seu plano para a família. Assim é que encontramos gente aceita e abençoada por Ele, a despeito de ter situação familiar mais ou menos fora de Seus padrões. É o caso de Ester, que em condições muito especiais, uniu-se a um rei que repudiara sua esposa; assim mesmo foi aceita e usada por Deus. Batseba, casada com Davi, que possuía outra (ou outras esposas) e que veio a figurar na genealogia de Jesus (Mt 1.16).

Isto, creio, se deve ao Seu grande amor, ao seu desejo expresso de que saíamos de nossos erros, como diz o Sl 81.8: “Ouve, povo meu, quero exortar-te. Ó Israel, se me escutasses!”

Entretanto, não encontramos na Bíblia a aprovação de Deus a estas situações. Disse Jesus: “O Criador desde o princípio os fez homem e mulher. ...Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”. E “o que Deus ajuntou, não o separe o homem” (Mt 19.3-9). E quando lhe disseram que Moisés *mandou* “dar carta de divórcio e repudiar”, Jesus corrigiu: “Por causa da dureza de vossos corações é que Moisés vos *permitiu*... entretanto *não foi assim desde o princípio*.”

Com relação ao divórcio, quando comparamos o que diz a Palavra de Deus com o que ocorre em nossos dias, não conseguimos conciliar as coisas.

Da palavra de Jesus deduzimos que o divórcio foi permitido como *remédio* para situações excepcionais. E não para ser generalizado, servindo mais à concupiscência da carne ou à falta de perseverança na busca de soluções ou conserto. Muito menos para satisfazer aos caprichos de tantos.

Lamentável é que o povo de Deus tenha a tendência de olhar sempre *ao seu redor* e imitar o que vê no mundo, ao invés de olhar para *cima*, procurando discernir a vontade de Deus, e buscando Sua ajuda.

Reconhecemos que há casos em que o “remédio” é necessário e conhecemos alguns deles.

Em Dt 24.1, Moisés fala do homem achar “coisa indecente” na mulher que desposou e subentende-se que, neste caso, ele permite o divórcio. Jesus esclarece o assunto em Mt 5.31-32 falando sobre “relações sexuais ilícitas”, quando o divórcio é permitido. E Paulo, em I Co 7.10-16, fala sobre o caso de irmãos que têm cônjuges incrédulos e que estes queiram romper os laços do casamento. Nestes casos, diz Paulo, “que se aparte”. E que “não fica sujeito à servidão nem o irmão nem a irmã”.

Há os que interpretam o “não ficar sujeito” como uma permissão para novo casamento. Não me sinto com autoridade para tirar conclusões ou fazer afirmativas sobre o assunto. Sei que cada caso tem que ser analisado separadamente, buscando-se, com humildade e sem precipitação, a luz do Senhor.

Quanto mais o homem natural alarga o crivo de aceitação das coisas erradas que ele mesmo inventou, contrariando a vontade de Deus, mais raros se tornam os reajustes, os consertos, o domínio próprio, a disposição de perseverar na busca de uma reconciliação. E com maior facilidade e inconsequência ele parte para casamentos arranjados às pressas, impensadamente, sabendo que se não der certo, pode começar tudo de novo...

O que a Palavra nos ensina em seu contexto é a lutar “contra a correnteza”, pela fé, sabendo que o Senhor não desaponta os que Lhe procuram ser fiéis.

Nossa conclusão prática:

a) Para enfrentar a corrente de desacertos e insegurança que assola os lares e tem causas múltiplas, principalmente o desconhecimento ou olvido da Palavra de Deus, há um tratamento preventivo, que deve ser feito. A orientação e preparo dos jovens, maior sabedoria e dependência de Deus na escolha. Assistência aos jovens e aos casais, pela Igreja.

b) Estudo sistemático de Palavra de Deus, no que diz respeito ao Seu plano e aos recursos que oferece, como oração, altruísmo, renúncia, humildade, perdão, domínio próprio, busca de poder do alto e amor.

c) Quanto aos que chegam a nós enredados em erros e problemas como os que analisamos, vamos recebê-los com amor, sem dedo em riste, na expectativa de que o próprio Espírito os esclareça e os encaminhe a uma solução que, na maioria das vezes, escapa ao nosso próprio entendimento.

## **“DIGO-VOS, PORÉM...”**

(Lc 6.27-38)

*“Até os pecadores amam aos que os amam” (V. 32).*

*“Amai, porém, os vossos inimigos...” (V.35).*

A diferença está no “porém”.

“Porém” que aparece dez vezes no registro do Sermão do Monte, no Evangelho de Mateus (edição revista e atualizada, cps. 5 e 6).

“Porém” que indica o padrão alto e perfeito de Jesus.

É como se Ele dissesse: “— Se você quiser viver no plano comum, ou seja, o dos “pecadores”, faça apenas o que eles fazem — e que é mais fácil: ame aos que o amam. Se acha, porém, que dá para aspirar a algo mais elevado, aceite o meu padrão, suba um pouco mais, e perceberá a diferença!”

A vivência contínua e estreita em família, em comunidade, em sociedade, inevitavelmente nos leva a descobrirmos mais facilmente defeitos e falhas daqueles com os quais convivemos, assim como lhes revela nossas próprias fraquezas.

Conhecendo-nos mais de perto, nos atritamos mais.

Gosto de lembrar a figura da roseira florida: à distância percebemos com facilidade as rosas; mas é quando nos aproximamos para colhê-las que nos defrontamos com os espinhos...

Graças a Deus que há, também, o outro lado: certa vez, quando acabara de usar esta ilustração, alguém lembrou que “se a aproximação da roseira nos põe em contacto com os espinhos, tem a vantagem de nos fazer sentir com toda a intensidade o perfume de suas rosas”...

Se o “porém” de Jesus não estiver presente em nossas mentes e nossos corações, dispondo-nos a pedir perdão e a perdoar, não será sadia a nossa vida em família ou em comunidade.

Muitas são as “ofensas” que nos desafiam constantemente. Algumas que poderíamos chamar de imaginárias, que afloram quando há alguém “prevenido”. Estas, na maioria das vezes, são resolvidas com um simples diálogo.

As que se classificam de reais, podem ser menores ou mais doloridas, como é o caso daquela citada pelo salmista (Sl 55.12-13): “Com efeito, não é inimigo que me afronta: se o fosse, eu suportaria; nem é o que me odeia quem se exalta contra mim: pois dele eu me esconderia; mas és tu, homem meu igual, meu companheiro, e meu íntimo amigo...”.

Se temos suficiente humildade para deixar que o Espírito Santo nos advirta quando somos os responsáveis por determinada situação desagradável que se criou, conhecemos o caminho de volta. É Jesus quem o ensina: “Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão, e então, voltando, faz a tua oferta” (Mt 5.23-24).

Nem sempre encontramos na pessoa ofendida a disposição de nos perdoar. Mas é Paulo quem nos orienta a esse respeito, em Rm 12.18: “Se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens”. “Quanto depender de vós”. Se reconheço o meu erro, peço perdão e o outro me nega, o problema é dele, agora.

E se somos (ou nos julgamos...) a “vítima?” Qual a atitude a ser tomada?

Para os que não provaram o amor de Deus, o que convém é “lavar a honra” ...

O que a Bíblia nos ensina sobre a vingança?

Paulo cita (em Rm 12.19-20) a ordenança de Deus exposta em Dt 32.35a: “A mim pertence a vingança: eu retribuirei, diz o Senhor”. Em Lv 19.18 está escrito: “Não te vingarás nem guardarás ira contra os filhos do teu povo”.



Larry Coy diz sobre isto: “A Bíblia ensina a transferir para Deus a responsabilidade de lidar com o ofensor”.

Por quê? Somente Ele é sábio e justo o suficiente para não cometer erros.

É preciso cuidado, porém, com essa “transferência”: às vezes ouvimos alguém dizer: “Eu não vou fazer nada contra, mas vou entregá-lo *nas mãos de Deus* ... Aí, ele vai ver!”

Neste caso está expresso o desejo de vingança...

Antes, devemos fazer a transferência com intercessão, pois o autor da carta aos Hebreus, depois de citar o texto que comentamos, de Dt 32.35a, exclama: “Horível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10.31).

David Augsburger, em seu livro “Livres Para Perdoar 70x7”, cita um provérbio antigo que diz: “Ultrajando teu inimigo, estás abaixo dele; vingando-te, estás no mesmo nível; perdando-o, estás acima dele”.

Perdoar é o ensino de Jesus.

O final do v.37 (de Lc 6, texto citado acima) — “perdoai e sereis perdoados”, como que condiciona o perdão que desejamos receber de Deus. A mesma ideia encontramos na parábola do credor incompassivo (de Mt 18.21-35). O servo, que devia ao Rei dez mil talentos (sessenta *milhões* de denários) e tendo sua dívida perdoada por não poder pagá-la, assim mesmo lançou na prisão o seu conservo que não podia pagar-lhe cem denários! Por isso deu-lhe, o Rei, o mesmo tratamento!

Esta parábola nos ensina pelo menos duas verdades básicas:

a) Maior é a minha dívida para com Deus — O Rei (sessenta milhões de denários) que a dívida do meu irmão para comigo (cem denários).

b) Se de graça recebi o perdão do meu Senhor, não posso negar meu perdão ao que me ofendeu.

E na resposta de Jesus a Pedro que lhe indagava se (generosamente) devia perdoar sete vezes, ele dá sua medida de perdão: não sete, mas setenta vezes sete, ou seja, sempre!

Quando fazemos a oração do Pai Nosso, devemos ter cuidado com a proporção que colocamos diante de Deus: “...perdoa-nos... assim como...” Não é deixar de fazer a oração (como sugerem alguns), mas consertar as coisas.

Jesus não só ensinou, mas deu o exemplo de perdão. Basta lermos, entre outros textos: Lc 23.33-34 e I Pe 2.21-24.

Seria interessante examinarmos ainda na Bíblia a prova de pequenos ou grandes atritos que foram consertados e esquecidos. Por exemplo:

— Paulo e João Marcos: At 15.37-40 comparado a II Tm 4.11 e Cl 4.10.

— Paulo e Pedro: Gl 2.11-12 com II Pe 3.14-15.

Além do perdão, a Bíblia fala várias vezes sobre a importância de não ser guardada “ira contra o filho do teu povo”.

É o tratamento da ferida.

Perdoar e esquecer a ofensa. Evitar a “raiz de amargura que, brotando, vos perturbe e, por meio dela, muitos sejam contaminados” (Hb 12.15).

Acertar as coisas. DIALOGAR.

Indagar sempre, honestamente, se em realidade houve um propósito de ofensa; se eu também não tive culpa do que aconteceu e me machucou.

Identificar os propósitos de Deus para a minha “lapidação”. E responder como Paulo em II Co 12.7-10: “... Mais me *gloriarei* nas fraquezas para que sobre mim repouse o poder de Cristo...”

Pensar nos problemas do ofensor, lembrando que “Cristo morreu por ele também”! Orar por ele.

Tratar cada dia do problema de cada dia, não deixando acumular: “Não se ponha o sol sobre a vossa ira” (Ef 4.26).

Perdoar e esquecer não é covardia: revela domínio próprio, que é fruto do Espírito (Gl 5.23), e cuja importância encontramos em Pv 16.32 e 25.28.

E como podemos testemunhar de Cristo pedindo perdão ou perdando!

Nesta batalha é bom lembrar que não estamos sós: “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4.13).

Samuel Doctorian, pastor armênio, pregando certa vez sobre o perdão, enfrentou a ira de uma mulher que quis quebrar um copo em sua frente para mostrar-lhe que assim estaria o seu coração. E lhe dizia: “ — Ainda que o senhor fosse capaz de ligar todos os pedaços deste copo, duvido que conseguisse tirar-lhe as marcas! Assim acontece comigo!”

Ele disse que contemplando aquela explosão de fúria, orava a Deus pedindo uma resposta, que não tardou: “— Isto é o que muitos tentam fazer, respondeu-lhe, e fracassam. O que aprendemos na escola de Deus é juntar os “cacos” do coração e colocá-los nas mãos do Senhor, e Ele se encarregará de fazer um novo coração! Experimente fazer isto!”

É verdade: Ele não remenda mas refaz! (Ez 36.26)

Vamos entregar-lhe agora o nosso problema?

## O MEU ALTAR

“Josué edificou um altar ao Senhor... um altar de pedras toscas sobre o qual se não manejara instrumento de ferro; sobre ele ofereceram holocaustos ao Senhor” (Js 9.30-31).

Altar de pedras toscas e de terra.  
O de Noé foi feito nas montanhas de Ararate.  
O de Jacó, em Luz, e “se chamou  
El Betel; porque ali Deus se lhe revelou”.

Abrão ergueu  
nos carvalhais de Manre o seu,  
antes do outro mais famoso:  
o do monte Moriá,  
onde, por fé, o filho  
foi oferecido a Deus.

Josué, no monte Ebal, com pedras toscas;  
Moisés, no deserto, com madeira e bronze  
o dos holocaustos e sacrifícios,  
lembrando culto, entrega total,  
dedicação, amor.  
E, com madeira e ouro,  
o do incenso  
— figura da oração  
subindo incessantemente  
à presença do Senhor.

O altar do monte Carmelo,  
que estava em ruínas,  
Elias, com doze pedras, o restaurou.  
E sobre a oferta e a lenha  
encharcadas de água  
o Deus de Abraão invocou  
e o fogo caiu!

Altar restaurado  
pacto renovado!

Na Nova Aliança  
o altar de pedras  
foi substituído por uma cruz.  
Ao invés de UM CORDEIRO,  
o inocente imolado  
foi O CORDEIRO — Jesus,  
o que tira do mundo o pecado.

E os sacrifícios de sangue cessaram  
porque o da cruz foi perfeito.

Agora, o altar é invisível,  
o sacerdócio, universal,  
o sacrifício, muito pessoal.

“Rogo-vos, pois, irmãos,  
pelas misericórdias de Deus  
que apresenteis os vossos corpos  
por sacrifício vivo  
santo e agradável a Deus,  
que é o vosso culto racional”.

E o coração explode  
de gozo e alegria:  
— Senhor, sou mulher, dona-de-casa,  
não sou de família sacerdotal.  
Mas em Jesus eu fui aceita  
e sacerdotisa fui feita!



— E descubro, Senhor,  
que também tenho um altar  
— o dos holocaustos,  
onde o ego é sacrificado;  
onde o próprio corpo, as energias,  
a família amada,  
tudo deve ser colocado;  
— e outro — o do incenso,  
onde as orações  
como cheiro suave sobem a Ti  
e são aceitas por favor imenso!

E como eu, que sou dona-de-casa,  
que sou esposa, mãe, avó,  
há outras muitas, Senhor,  
cujo altar não está fixo  
num lugar só.

O meu altar (como o de Jacó)  
está onde Te manifestas.  
É no cantinho da máquina de lavar,  
na sala ou na cozinha;  
no lugar da costura  
ou na escrivaninha.  
No silêncio das manhãs  
quando estou a orar sozinha  
ou rodeada de netinhos  
aos trambolhões, pedindo:  
— Conta uma história, vovozinha?...

Eu tenho um altar, Senhor.  
Ele está onde Te manifestas  
e me revelas Teu poder e amor!

## POEMINHA DE MÃE

(Para o Lúcio)

Hoje, meu filho vai chegar  
depois de longa ausência,  
fazendo longa viagem.

De repente, descobri  
que o meu amor esteve atento  
e que, aos poucos, reuniu  
todos os ingredientes  
para fazer  
todas as comidinhas  
de que ele gosta:  
pão de queijo,  
lasanha, stroganoff  
e pudim de leite condensado!

Eu oro: — Senhor, guarda-o na viagem!  
E penso: — Que bom se ele chegar com bastante  
apetite!

## NA FAINA DA CASA

— Senhor,  
há muita roupa lavada  
estendida no varal...  
Eu te peço que mandes o sol,  
ainda que seja por um pouco,  
sobre o meu quintal!  
— Mas, como podes satisfazer  
aos que Te pedem a chuva  
quando outros o sol querem ter?!

E Ele me ensina, paciente,  
como isto se fará:  
se o meu desejo é sincero,  
se Lhe submeto o que quero,  
minha roupa se secará,  
ainda que não haja calor,  
pois o poder pertence ao Senhor!

## **EU CREIO EM TI!**

Quando o meu dedo polegar ficou machucado  
e não pôde me ajudar  
senti que ele era insubstituível;  
e pensei no Ser inteligente e capaz  
que ordenou a existência do homem  
com função respiratória  
e circulatória,  
com olhos que, analisados,  
são tão complicados,  
mas que servem tão bem  
para enxergar,  
como os pés para andar  
e o coração  
para o sangue bombear  
ou, mais romanticamente,  
para amar...

Cada um perfeito em sua função:  
pés, mãos, polegares,  
ouvidos, olhos e coração!

Quando lavo a travessa engordurada  
que saiu da mesa,  
que acabou de ser usada,  
e derramo sobre ela  
a água farta e gostosa;  
quando lavo a roupa suja,  
eu sinto a mão amorosa  
do meu Deus, que sabia  
a falta que, se não existisse,  
esta água me faria!

Como é bom tomar um banho  
de chuveiro ou de mar;  
e descalça poder andar  
na corrente fresca de uma nascente!  
Encher de água as mãos  
em concha para a sede desalterar!

Meu Deus, eu creio em Ti!  
Eu sinto a Tua presença  
no ar que respiro aqui!  
Na beleza e perfume das flores.  
Na variedade e na festa  
de suas cores;  
desde a modesta  
camomila amarelinha  
que enfeita e cura,  
até a soberba orquídea lilás  
que em sua nobreza  
ao mais exigente satisfaz!  
Eu creio em Ti  
vendo a abelha diligente,  
as formigas organizadas  
o passarinho contente!

Eu me comovo quando penso  
que colocaste o homem,  
— tão detalhado por Ti — ,  
como centro da criação  
e tens paciência de vê-lo  
negando a Tua paternidade,  
complicando as coisas tão simples,  
tão cheio de tola vaidade!  
Eu Te amo, ó Deus, que és,  
que eras e que serás,  
que criaste a terra  
e todos os animais.

Que criaste o homem  
com tamanha perfeição.  
E quando entrou o pecado  
poluindo a Tua obra,  
ainda assim o amaste  
e em Jesus o alcançaste  
com tão grande salvação!



## DUELO DE GIGANTES

“Tu vens contra mim com espada, e com lança, e com escudo; eu, porém, vou contra ti em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado. Hoje mesmo o Senhor te entregará na minha mão... e toda a terra saberá que há Deus em Israel” (I Sm 17.45-46).

Estava encarregada de preparar uma mensagem para um retiro de famílias. O tema do estudo seria “Lutando com Deus em favor dos filhos”. O coração e a mente estavam abertos diante do Senhor, em súplica por um “filão” para o preparo de que necessitava, quando me veio às mãos um número da revista “Decision”, com um artigo de Billy Graham sob o título: “Enfrentando Gigantes” (“Frente a los Gigantes”).

O propósito do articulista foi mostrar que, se Golias era gigante fisicamente, Davi o era espiritualmente; e que revestidos do poder de Deus, também nós nos agigantamos para enfrentar as forças do mal que nos ameaçam.

Depois de ler o artigo, meu coração se aqueceu, comecei a pensar no tema do meu estudo e veio a inspiração. Senti que quando se pensa em “lutar com Deus”, geralmente a ideia é de algo semelhante ao que aconteceu a Jacó no vale de Jaboque, ou seja uma “luta” em oração. Agora se me afigurava algo diferente: seria luta *com Deus ao meu lado*, ou melhor, colocar-me ao lado de Deus, tomando-o como meu companheiro inseparável nas lutas em favor de minha família.

O desafio feito por Golias aos exércitos de Israel, para que um homem fosse destacado para lutar com ele, era um costume da época. O resultado desta luta entre os dois guerreiros definia a sorte dos dois exércitos.

Ao aceitar o desafio de Golias, Davi assumia a responsabilidade da luta, aparentemente em situação de inferioridade: o outro, além da estatura muito acima do comum, era um homem experimentado nas batalhas, e que o enfrentaria bem armado e protegido.

Davi era um simples pastor de ovelhas, muito jovem e aparentemente indefeso. Mas tinha consciência de sua força sobrenatural por dois motivos, como vemos no texto citado acima:

- 1) — Ele lutaria “em nome do Senhor”.
- 2) — Lutaria com o Senhor ao seu lado, e, segundo as suas palavras, o Senhor entregaria o adversário em suas mãos.

Diante disto, Davi se agiganta e a luta a ser travada toma as proporções de um “Duelo de Gigantes”.

Se nunca foi fácil educar filhos, encaminhá-los bem na vida, eu creio que em nossos dias os problemas se avolumam de modo incomum. Crescem as forças do mal, pressionando o lar; o temor de Deus escasseia e o desafio é assustador. Somente “ao lado do Senhor” lutando em Seu nome, poderemos crescer ao ponto de denominarmos também a nossa luta de “Duelo de Gigantes”!

Vamos examinar as características dos nossos personagens para estabelecermos um paralelo e tirarmos conclusões.

Como era Golias? Leiamos I Sm 17.4-7. Diz-nos o v.4 que era guerreiro, da altura de “seis côvados e um palmo”, ou sejam aproximadamente 2m,92.

O tamanho de Golias figura aqui a imensidade e abrangência dos problemas enfrentados pelos pais, começando pelos que são comuns a todos, como o sustento, a educação, o cuidado diário.

Os vs. 5 e 6a falam das suas armas de defesa: “Um capacete de bronze, ...uma couraça de escamas...” e “caneleiras de bronze”.

A olhos naturais, protegido assim, o gigante aparece como algo inatingível pelo “pequeno” Davi, que representa os nossos pobres e inúteis esforços próprios para derrotá-lo.

Mas havia as armas de ataque: “um dardo de bronze”, uma lança cuja haste era “como o eixo do tecelão” e cuja ponta era “de seiscentos ciclos de ferro”. Além da espada, sobre a qual disse Davi mais tarde (I Sm 21.9): “Não há outra semelhante”.

Estas armas tão avantajadas nos lembram as forças diabólicas usando falsos amigos, escola, meios de comunicação — coisas que escapam inteiramente ao controle dos pais — contra os jovens, os adolescentes e até as crianças, que se tornam presa fácil nas mãos de “manipuladores” inescrupulosos.

O gigante autoconfiante e ousado, ciente de sua força e da aparente inferioridade do adversário, era insistente. Fazia o seu desafio: “pela manhã e à tarde; e apresentou-se por quarenta dias (v.16)”. Como acontece agora...

“Todos os israelitas vendo aquele homem, fugiam de diante dele, e temiam grandemente (v.24)”.

O desafio é constante e a luta é contínua; o fantasma paira sobre lares indefesos, trazendo medo e insegurança aos pais que não sabem contra quem estão lutando!

Davi, o pastorzinho jovem e ruivo de Belém, foi mandado pelo pai à frente da batalha para saber notícias dos três irmãos que lá estavam e para levar-lhes alguns mantimentos.

Lá ouviu o desafio do gigante. Sua maior preocupação foi com o nome de Deus: “Quem é, pois, esse incircunciso filisteu, para afrontar os exércitos do Deus vivo?” E dispôs-se a enfrentá-lo.

Sua motivação foi certa.

Penso em nós, pais cristãos, quando somos encurralados pelas forças do mal que tentam e muitas vezes conseguem envolver com seus tentáculos alguns de nossos filhos. O que nos preocupa mais, então? O nosso bom nome? ou a salvação deles e o poder do nosso Deus que está sendo desafiado?

Costumamos falar dos filhos que são certinhos e nos orgulhar deles. Os outros, os que causam problemas, os colocamos “embaixo da gamela”, envergonhados. Lembremo-nos de que os mais errados são os que mais precisam de assistência e amor. Não seria melhor assumirmos uns e outros, corajosamente e com muito amor e fé, e, se formos fiéis a Deus, proclamar diante de “israelitas” e “filisteus” que nossos filhos são “herança do Senhor” e que Ele mesmo os resgatará?

Davi possuía uma fé alimentada “na solidão, no vale e no monte, em oração à luz das estrelas; fortalecida nos conflitos com leões e ursos e vendo a obra de Deus prosperar em sua vida”.

Não se abalou com a crítica (ou censura injusta?) do irmão mais velho (17.28), com a opinião desfavorável de Saul nem com o insulto de Golias. Sabia o que queria, a força de que dispunha no Senhor e por isto rejeitou a armadura de Saul, que não estava acostumado a usar.

Suas armas eram outras. A pedra que colocou na funda, bem pode simbolizar aquela que é chamada a “Rocha dos Séculos” — Jesus!

De igual modo, nossas armas não devem ser as repressões nem concessões excessivas, os bate-bocas tão comuns, as discriminações. Mas a prevenção do mal através de informações às crianças, o diálogo inteligente e amoroso, a comunhão com Deus através da leitura da Sua Palavra, as madrugadas de oração, a fidelidade e a fé constantemente mencionadas pelo Senhor.

Na força do Espírito (I Sm 16.13) Davi foi ousado e não titubeou; tomou a iniciativa do combate. Mas sem jactância, confiando só no Senhor: “O Senhor me livrou das garras do leão e das do urso; ele me livrará da mão deste filisteu”. “Hoje mesmo o Senhor te entregará na minha mão; ...e toda a terra saberá que há Deus em Israel (vs.37 e 46)”.

Não há motivo para dúvida. Ainda que tarde a resposta. Ainda que não cheguemos a ter, neste mundo, a confirmação de que necessitamos. Não importa: vivemos e agimos em termos de eternidade. Um dia estaremos todos juntos glorificando ao Senhor! Esta deve ser a nossa convicção!

A resposta à fé proclamada por Davi não tardou: com sua própria espada o gigante teve a cabeça decepada, depois de cair sob o impacto da pedra. A vitória foi inequívoca, e, realmente “toda a terra” tomou conhecimento de que “há Deus em Israel”!

E hoje? o que temos feito para que isto aconteça?

Infelizmente a nossa pequena fé, a vida pobre de oração e meditação da Palavra de Deus, a assimilação dos costumes dos povos ao nosso redor, tudo tem contribuído para que o inimigo escarneça e avance pelos lares adentro!

E o nome de Deus, ao invés de ser proclamado como o vitorioso de Israel, tem sido “blasfemado entre os gentios” por nossa causa!

Aí está o desafio para o duelo. Temos condições de chamá-lo, realmente, de “Duelo de Gigantes”?

Que o Senhor nos ajude. Amém



## HARPAS NOS SALGUEIROS

“Às margens dos rios da Babilônia nós nos assentávamos e chorávamos. Nos salgueiros...pendurávamos as nossas harpas, pois aqueles que nos levaram cativos, nos pediam canções” (Sl 137.1-3).

Ganhamos dois canarinhos  
Que dobravam o canto.  
Mais um “caboclinho” do Norte  
e um sabiá de voz triste  
que, a partir de setembro,  
terminada a “muda”,  
acordava a gente  
de manhãzinha  
cantando sentida  
e insistentemente.

Também um casal  
de “Biquinhos de Lacre”  
miúdos e engraçadinhos  
mas sabidos de verdade,  
pois, havendo um descuido,  
fugiram da gaiola  
em busca de liberdade!

O “caboclinho”,  
que encantava com seu canto,  
o dia inteiro, sem parar,  
o encontramos morto,  
certa manhã, na gaiola.  
Sofremos tanto!  
No peito ficou um aperto  
e uma vontade de chorar...

O sabiá e os canários  
duraram mais.  
Gostava deles  
mas achava triste o seu canto!  
E me pesava tanto  
vê-los na prisão,  
que sentia vontade  
de abrir a gaiola  
e dizer-lhes feliz:  
— É sua a imensidade!

Antes o tivesse feito,  
pois chegou também o seu dia:  
um gato da vizinhança  
os apanhou bem de jeito  
ali mesmo onde estavam!  
Foi o fim da melodia,  
do canto bonito e triste  
que, ouvindo, não se sabia  
se cantavam ou se choravam...

Não quero mais passarinhos  
que vivam numa prisão.  
Quero vê-los como os vejo agora:  
disputando comigo  
as mangas de minha mangueira,  
gritando, aos bandos: “Bem-te-vi!”  
Fazendo ninhos nas samambaias  
ou entrando tontos na sala,  
e catando — as rolinhas — os farelos  
que, de propósito, para elas,  
vou jogando por aí...

Vou pintar minhas gaiolas,  
plantar nelas samambaias  
ou enchê-las de “jibóias”.

E a eles eu vou dizendo:  
— Cantai alegres, passarinhos,  
como o povo do Senhor  
ao sair do cativeiro!  
Não haja lamento no canto  
nem aparência de pranto  
pois não estais prisioneiros!  
Cantai com força e beleza!  
Fora com toda a tristeza!  
Tirai as harpas dos salgueiros!

## LÍNGUA DAS GERAIS DO NORTE

— “Pode ficar “a cômodo”, moça”,  
disse o homem da poltrona ao lado  
vendo-me hesitar em assentar ali.  
— “Tá cheio o ônibus, mas aí tá “puro”.  
Num tem ninguém nesse lugar ar’.

Gosto de ouvir essa gente falando.  
Em sua voz há sorriso e emoção.  
Seu rosto curtido revela firmeza  
quando me encara e diz com certeza:  
— “Cê chegô bem, fez boa viaje?  
Ô xente, entonce tá tudo bão!”

Ninguém me fala tão de perto  
e sabe expressar com tanta doçura  
a pena que sente,  
como essa gente  
que diz com música na voz,  
num jeitinho que é dela só:  
— “Seus menino num pudero vim?  
Ôôôôôô dóóóóóó...”

Se você andar por lá  
pode prestar atenção:  
vai presenciar cenas assim:  
a mulher com a criança “escanchada” na cintura,  
dizendo para o marido que demora,  
apontando-lhe umas coisas lá no chão:  
— “Eu vô ino co'o Zezim;  
“avia” logo, vem simbora  
pra trazê esses “trem” pra mim”.

Essa fala do roceiro  
destas bandas das “Gerais”,  
até a fala de qualquer mineiro,  
sibilando os esses, engolindo letras,  
onde quer que a ouça  
não a confundo jamais!

Ela é doce ao meu ouvido,  
me lembra gente que tem alma pura,  
que sem saber ainda segura  
as coisas boas que estão indo embora,  
que o nosso povo está jogando fora  
sem saber o prejuízo que nos traz!

## **PADRÃO DE MULHER**

*(Pv 31.10-31).*

A soberba e a arrogância predominantes em nosso tempo e em qualquer época no coração dos que não aceitam os padrões de Deus em Sua palavra escrita, impedem a tantos de conferir com imparcialidade a beleza e perfeição do conjunto dos planos dele para Sua criação.

Assim acontece no que diz respeito à mulher.

Certa vez estive conversando com uma advogada cristã sobre o padrão que a Bíblia apresenta para o lar cristão. Estávamos de acordo até o momento em que foi mencionado Ef. 5.22, quando Paulo diz que “as mulheres sejam submissas a seus próprios maridos, como ao Senhor”. Aí, ela me disse: “— Aceito tudo, menos isto!”

Depois de conversarmos por algum tempo, cheguei à conclusão de que aquela atitude era ditada por um preconceito muito grande, gerado em parte pelo desconhecimento do contexto bíblico.

Temos aprendido que “Bíblia se interpreta com Bíblia”. E que “não se faz teologia com um texto isolado”.

Ao examinarmos, à luz de outros, os textos de Efésios, Colossenses, ou da carta de Pedro sobre a submissão da mulher, vamos descobrindo coisas interessantes.

Em primeiro lugar, não é ordenada a submissão da mulher “ao homem”, mas ao seu marido.

Imagino que no plano de Deus o lar foi criado como um corpo, que, sem cabeça estaria morto, com duas cabeças seria uma deformidade; mas, com uma cabeça inteligente e bem norteada, cumpriria a sua finalidade aqui na terra.

Nem todos os maridos são dignos da liderança que o Senhor lhes confiou. Mas nem todas as mulheres são “virtuosas”, também...

O que se deduz do estudo da Palavra e da prática é que o ideal seria os dois andarem sempre de acordo, dialogando e chegando juntos a conclusões, sem ser necessária a imposição de uma vontade. Mas o marido se reservando sempre o direito ao “voto de Minerva” quando houver divergência.



Por que determinou Deus que o cabeça e principal responsável fosse o homem, ou melhor, o marido? Isto pertence à Sua soberania. Poderia, se quisesse, ter escolhido a mulher, mas não o fez. Não por achá-la inferior — Ele os criou no mesmo plano. Creio que, ao contrário, para poupá-la, pois Ele a fez mais delicada: não do pó da terra, mas da costela do homem...

Nenhuma organização humana — desde a ONU até o mais simples clube de bairro — prescinde de uma organização ou de uma diretoria. Por que deixaria Deus o lar, ou a família ao léu, simplesmente para não parecer parcial ou machista? Ele fez o Seu plano e no-lo apresenta como o melhor: o marido é o líder, a esposa a sua “auxiliadora idônea”, os filhos cooperadores em preparação para partirem para a formação de novos núcleos familiares harmoniosos.

Quando o homem não aceita este plano — ele se julga com o direito de fazê-lo — parte para as suas próprias soluções cujas consequências são o caos total que vemos por aí.

Falamos em verificação do contexto. Vamos enfocar algumas mulheres da Bíblia, para conferirmos o segundo ponto que gostaria de discutir: se a “submissão” é algo que anule a personalidade da esposa. Se é este o padrão apresentado por Deus.

Alguém disse que a Bíblia apresenta um retrato sem retoques da raça humana. E ela nos mostra mulheres de vários tipos. Muitas que falharam. Mas algumas que se destacaram sobremodo e se constituíram tipos de mulheres sábias ou virtuosas.

Lemos em Juízes 4 e 5 a respeito de Débora, a juíza cantora de Israel em tempos bem remotos. Foi líder inteligente e dinâmica do seu povo, sem ultrapassar as suas fronteiras.

Abigail (I Sm 25), cujo marido insensato e bêbado, como que a obrigou a tomar iniciativas que, de direito seriam dele, para impedir que a guerra e a morte sobreviessem à sua casa.

Ester, a rainha piedosa, inteligente e corajosa, que derrotou o astuto Hamã e salvou o seu povo.

A “submissão” não tem nada a ver com um tipo de mulher insípida e amorfa que alguns imaginam.

É o que fica bem claro quando examinamos o quadro de Provérbios 31.10-31, ou seja, a “mulher de Provérbios”.

Não se trata de uma biografia, mas de um ideal de mulher. Algo que, talvez, seja impossível de ser vivido em sua totalidade, mas aí está como padrão. Semelhante àquele apresentado por Jesus em Mt 5.48: “Sede vós perfeitos como é perfeito o vosso Pai que está nos céus”.

Um alvo a ser perseguido diariamente.

Os vs. 16 a 20 falam de uma *mulher dinâmica*: é capaz de negociar e administrar uma propriedade; esforçada, sempre pronta para agir; segura do que faz, atenta e vigilante; artesã habilidosa; preocupada com a beneficência.

Outros atributos pessoais encontramos nos vs. 10, e 24 a 26: é virtuosa, forte, digna, providente; de língua sábia e bondosa.

Sua suficiência na família está registrada nos seguintes versos: 11 a 15 — é confiável, econômica; faz sempre bem e não mal ao marido; tem boa vontade; vela pela boa alimentação da família e não faz tudo sozinha: sabe distribuir tarefas. Os vs. 21 a 23 contam que ela planeja e executa; que se preocupa com sua aparência pessoal e com a de seu marido. E o v. 27 diz que acompanha o bom andamento de sua casa e não é preguiçosa.

A coroa da mulher sábia a encontramos no v. 20, mostrando o equilíbrio dos valores: “Enganosa é a graça e vã a formosura (isso passa!), mas a mulher que teme o senhor, essa será louvada”.

Os vs. 28, 29 e 31 completam o quadro, mostrando as consequências das opções que ela teve a coragem de fazer: na apreciação dos filhos, ela é mais do que feliz; o marido afirma que nem as mulheres mais virtuosas se assemelham a ela. E diz o v. 31 que publicamente será louvada por suas obras.

O que me encanta nesta mulher excepcionalmente ativa, capaz, dinâmica e temente a Deus é verificar que a despeito de sua vida intensa, de seu tempo limitado ou o que mais se possa notar em sua maneira de ser, nada a desviou da sua meta prioritária: sua realização como mulher, esposa e mãe. Seus filhos a admiram, seu marido acha-a superior a qualquer outra.

Não me importa nem um pouco ser tachada de ultrapassada, “démodée”, ou coisas assim. Quero ser autêntica e coerente com o que creio e sinto.

E sempre me questiono se uma mulher, no final de sua carreira, se sentirá plenamente realizada como grande cientista, literata, artista, profissional liberal ou o que mais for, se a tudo isto não puder acrescentar a alegria de ter sido “mulher virtuosa” — seja como amiga, irmã, filha, esposa ou mãe! Mas...

“Mulher virtuosa, quem a achará?”

O padrão está na Palavra. Não custa experimentar...

## FLORES, FRUTOS E SEMENTES

Às vezes me sinto como uma planta.  
Feliz, sem ser inteiramente  
responsável por isto.  
Recebendo luz e calor,  
tendo o sol e a chuva  
por graça exclusiva do Criador.

Árvore frutífera  
ou roseira em flor.  
Simples trepadeira colorida,  
mesmo plantinha do campo  
que, tendo o dom da vida,  
desabrochou em amor!

Vocês, filhos, são as flores,  
são os nossos frutos.  
Alegro-me com a missão cumprida  
da maternidade. Aquela doçura  
e aconchego ao amamentar  
ou a adormecer a criancinha  
que se entrega, embalada  
pelo canto de ninar...

Foi tempo de vigília. Febre alta.  
Orações na calada da noite.  
Tempo de clamor. Aprendizado  
que nunca se completa.  
Há sempre o que aprender.  
Cada dia coisa nova  
vendo o fruto amadurecer!

Flores e frutos queridos,  
profundamente amados,  
com muito gosto saboreados!  
O bebê rechonchudo.  
A criança travessa.  
O adolescente problemático.  
O jovem que ensina à gente,  
se torna adulto inteligente,  
ajuda, trabalha, decide  
e nos deixa realizados!

Flores que se transformam em frutos,  
se reproduzem, vão além,  
muito além do que fomos:  
A planta está feliz com vocês  
que nos alegram tanto  
e que nos amam também!

E quando partirmos um dia,  
a missão terminada,  
as sementes da vida e da fé  
estarão com vocês  
que, na benção do amor  
ou sob os cuidados do Senhor,  
continuam a caminhada!

## O QUE É O SEU LAR?

(Perguntas para meditação e propósito de conserto)

— Um lugar onde pessoas se reúnem de vez em quando?

— Um lugar onde as pessoas *não* se reúnem? ou não se unem?

— Onde todos sentem prazer em estar? ou, estando fora, não ficam alegres com a ideia de voltar?

— Onde os amigos tomam, com prazer, um cafezinho? onde o irmão pobrezinho também é bem-vindo?

— Onde ainda se “dá um jeito” de arranjar um quarto de hóspedes?

— Um lugar onde todos podem falar, e se entendem, ou onde os pais sozinhos resolvem tudo? Ou, ao contrário, os jovens, ou as crianças, dominam a situação e obrigam os pais a satisfazerem todos os seus caprichos?



— Um lugar onde se responde honestamente às perguntas das crianças, onde “criança também é gente”, ou onde se acha que “não dá para perder tempo com isso?”

— Um lugar onde se sente o perfume da presença de Jesus?

— Um lugar onde há ambiente para a oração e leitura da Palavra de Deus?

— Onde se louva a Deus na saúde e na doença, na fartura ou em dias de pobreza, na alegria e na dor?

— Onde, pelo menos uma pessoa — você, por exemplo, — é a lâmpada do Senhor, sempre pronta a iluminar o caminho de alguém?

— Até que ponto você colabora ou é responsável por aquela situação desagradável que em seu lar se cria de vez em quando? Já parou para pensar que se fosse capaz de renunciar um pouco à sua opinião formada, se fosse mais humilde, se reconhecesse seus próprios erros, os outros e você também seriam bem mais felizes?

— Haverá alguma palavra dirigida a você nos textos que se seguem?

“Eu e a minha casa serviremos ao Senhor”. Js 25.15.

“Portas adentro, em minha casa, terei coração sincero”. Sl 101.2.

“Sobe em paz a tua casa; bem vês que ouvi a tua petição e a ela atendi”. 1 Sm 25.35.

“A mulher sábia edifica a sua casa, mas a insensata, com as próprias mãos a derruba”. Pv 14.1.

“Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vossos próprios maridos, para que, se alguns deles ainda não obedecem à Palavra, sejam ganhos, sem palavra alguma, por meio de procedimento de suas esposas”. I Pe 3.1.

“Maridos, vós, igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento; e tendo consideração para com a vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade, por isso que sois justamente herdeiros da mesma graça de vida, para que não se interrompam as vossas orações”. 1 Pe. 3.7.

“Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor, pois isto é justo”. Ef 6.1.

“Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá”. Ex 20.12.

“E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor”. Ef 6.4.

“Temos recebido o bem de Deus, e não receberíamos também o mal?” J6 2.10.

“Vinde a mim (Jesus) todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei”. Mt 11.28.

“Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas”. Mt 11.29.

**F I M**